

RUA ÁLVARO RIBEIRO

Conhecida por rua Esperança

Antes denominada rua 24 de Fevereiro

Deliberação da Câmara, em sessão de 09-10-1929,
proposta do vereador Pedro de Magalhães Junior

Edital de 11-10-1929

Formada pela rua 24 de Fevereiro

Início na avenida Ipiranga

Término no leito da FEPASA (Cia. Paulista de Es-
tradas de Ferro)

Ponte Preta

Obs.: Edital assinado pelo Prefeito de Campinas
Orosimbo Maia.

ÁLVARO RIBEIRO

Álvaro Ribeiro nasceu em Campinas a 17-02-1876 e faleceu na mesma cidade a 13-08-1929. Era filho do comerciante Antonio Joaquim Ribeiro e de Maria Augusta Diniz Ribeiro, ambos de origem portuguesa. Álvaro Ribeiro foi um dos maiores beneméritos que Campinas conheceu. Foi educador, escritor, jornalista e político, havendo devotado toda sua existência a sua terra natal. Foi o fundador do "Diário do Povo", em 1912 e do "Correio Popular", em 1927, este, o primeiro jornal composto em linotipo no interior do Brasil e que dirigiu por dois anos, quando faleceu. Em ambos os jornais, fez de suas colunas a tribuna de defesa dos interesses coletivos. Educador, foi o fundador do Instituto "Cesário Mota" e do Colégio "Ateneu Paulista". Este obteve a classificação de "excelente" e chegou a ser equiparado ao Colégio "D. Pedro II", do Rio. O "Ateneu Paulista" um dos mais notáveis estabelecimentos de ensino do país, que recebia alunos de quase todos os Estados brasileiros, em regime de internato, funcionou durante muitos anos no grande sobrado que pertenceu ao Barão de Ibitinga, situado na rua Dr. Quirino esquina de 14 de Dezembro, antes da construção do modelar edificio educacional no mesmo local, tomando todo o quarteirão formado por essas ruas e a rua do Sacramento e avenida Orosimbo Maia. Como escritor deixou uma obra: "Falsa Democracia". Nas lides políticas foi ardoroso e combativo, destacando-se na Câmara Municipal, onde foi vereador por sete triênios consecutivos, atuando sempre na oposição. É de se salientar, que quando exilado em Portugal, à sua revelia, fizeram-no vereador. Em 1924, durante a Revolução paulista, assumiu o governo da cidade de Campinas, com jurisdição por todo o interior, dirigindo-a com acero e dedicação, tornando-se alvo da confiança de todos os municipios. Nessa ocasião esta cidade recebeu mais de 100 mil refugiados, e com as providências adotadas

por Álvaro Ribeiro, nada faltou à população. Com a vitória da legalidade exilou-se no velho Mundo, permanecendo em Portugal durante algum tempo. Com a eleição de Washington Luis à Presidência da República, em 1927, de quem era grande amigo, retornou ao Brasil, recebendo consagradora recepção por parte de seus conterrâneos. Entre as suas grandes iniciativas em benefício do povo destaca-se o Hospital das Crianças Pobres, instalado em prédio próprio, à rua São Carlos, na Vila Industrial. Em 1922, por ocasião da Exposição do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, Campinas única cidade do interior a se representar com estande próprio à avenida das Nações, mercê do trabalho desenvolvido por Álvaro Ribeiro. Seus funerais, em 1929, foram imponentes, constituindo-se num dos maiores aqui realizados, com o comércio cerrando suas portas, em verdadeira consagração ao saudoso líder popular. Campinas rendeu-lhe justa homenagem, perpetuando em bronze e granito, a 04-setembro-1952, no Largo do Pará, sua herma, trabalho do escultor conterrâneo Wilmo Rosada.

RUA ÁLVARO RIBEIRO



RESOLUÇÃO N.º 343, DE 9 DE MARÇO DE 1966.
Autoriza a Câmara Municipal de Campinas a receber, em doação, um quadro a óleo do Professor Álvaro Ribeiro.

A MESA DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS FAZ PUBLICAR A SEGUINTE RESOLUÇÃO:

A CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS RESOLVE:

Artigo 1.º — Fica a Câmara Municipal de Campinas autorizada a receber, por doação, um quadro a óleo do saudoso Professor Álvaro Ribeiro

Artigo 2.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Campinas, aos 9 de março de 1966.

DR. HOMER SANTINI — Presidente.

JOSE ANTONIO REZZE — 1.º Secretário.

JULIO DA SILVA BATISTA — 2.º Secretário.

Publicada na Secretaria da Câmara Municipal de Campinas, em 9 de março de 1966.

DR. ROQUE MARCO GATTI — Secretário Geral.



DENOMINAÇÃO DE RUAS

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Em virtude de deliberações da Camara, em sessão de 9 do corrente mez, e de accôrdo com o art.º 7.º da Lei n.º 87, de 1902, faço publico que d'ora avante a rua 24 de Fevereiro passará a denominar-se *Rua Alvaro Ribeiro*, e que o trecho da rua José de Alencar, comprehendido, entre 13 de Maio e Barreto Leme passará a denominar-se *Rua 24 de Fevereiro*, bem como ficará denominada *Rua Santo Antonio*, a actual rua chamada "DA BICA", do bairro do Cambuhy.

E para conhecimento de todos, mándei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, Secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 11 de Outubro de 1929.

Orosimbo Maia.



ALVARO RIBEIRO

(Começa na Av. Washington Luís e termina na Linha da Paulista, nó Bairro da Ponte Preta).

A denominação foi dada pelo Edital de 11 de Outubro de 1929. Aí então era conhecida pelo nome de rua 24 de Fevereiro (edital de 23 de Novembro de 1910). Chamou-se, antes rua da Esperança. Tem 15 metros de largura.

Dados Biográficos: — O jornalista, educador, escritor e político, Alvaro Ribeiro nasceu em Campinas aos 17 de Fevereiro de 1876, e faleceu aos 13 de Agosto de 1929, era filho do casal Antonio Joaquim Ribeiro e de dona Maria Augusta Diniz Ribeiro, ambos de origem portuguesa. Afora os 3 anos em que esteve exilado, em Portugal, toda a sua existência foi devotada à sua terra natal. O seu enterro constituiu verdadeira apoteose, em face do número de acompanhantes, o que demonstra o bem que os campineiros a ele devotavam. Dentre os campineiros ilustres, mercedores da gratidão popular, foi Alvaro Ribeiro, sem duvida, o que maiores provas de solidariedade recebeu do povo da sua cidade natal. Tantos foram os seus atos de benemerência, que merecia justamente o titulo de "Pai de Campinas".

Foi, em outras palavras, um lider popular.

Como jornalista, fundou o "Diário do Povo" e o "Correio Popular", sendo este o primeiro jornal de linotipos do interior do Brasil.

Como político, foi vereador, por sete triênios seguidos, ou, 21 anos ininterruptos de vereança, sendo curioso notar-se que, sempre pela opposição!

Quando exilado, à sua revelia, fizeram-no vereador. Em 1924, durante a Revolução de São Paulo, foi Governador da Cidade de Campinas, com jurisdição por todo o interior. Recebeu, nessa ocasião, em Campinas, mais de 100 mil refugiados e providenciou para que nada faltasse à população, no que foi muito bem sucedido. Terminada a Revolução de 1924, foi exilado para Portugal e, retornando ao Brasil com a eleição do dr. Washington Luís à Presidência da República, em 1927. Era um grande amigo do Presidente eleito.

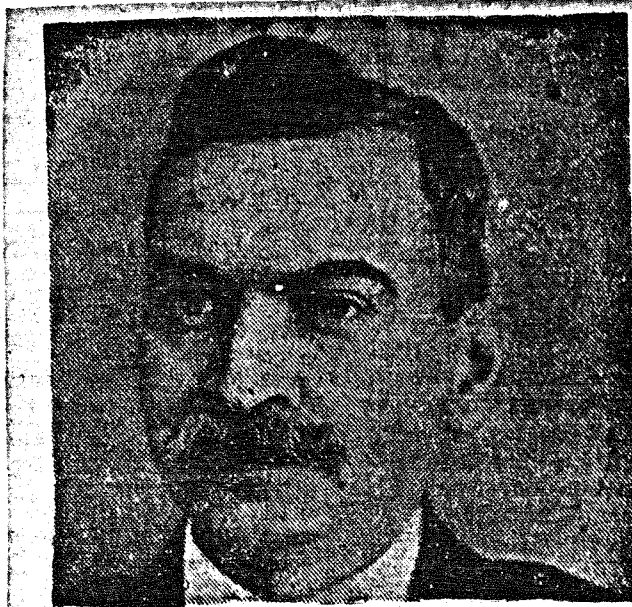
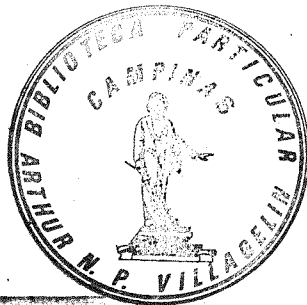
Como educador, fundou os Colegios Cesario Mota e Ateneu Paulista, sendo surpreendido pela morte, em seu gabinete de trabalho, neste estabelecimento.

No setor da infancia, deu êle, à cidade de Campinas, um hospital destinado a abrigar crianças pobres, hospital esse que ostenta o seu nome, sendo um, dos primeiros hospitais desse tipo no Brail.

Em 1922, por ocasião da Exposição do Centenario da Independencia, no Rio de Janeiro, graças a Alvaro Ribeiro, Campinas foi a unica cidade do interior que se fez representar construindo um magnifico pavilhão à Avenida das Nações.

Como escritor, temos a sua obra literaria denominada: "Falsa Democracia".

Campinas rendeu-lhe modesta, mas significativa, homenagem, com a inauguração de sua herma na Praça do Pará, monumento este que provem da iniciativa conjunta, sendo a sua confecção confiada ao escultor Wilmo Rosada e a sua inauguração realizada aos 4 de Setembro de 1952.



Alvaro Ribeiro

Efemérides

13.8.1969
40**ÁLVARO RIBEIRO**

1929

Transcorre hoje o 40.º aniversário do falecimento de Alvaro Ribeiro, nascido nesta cidade a 17 de fevereiro de 1876 e filho do comerciante nesta praça Joaquim Ribeiro e de a. Maria Augusta Ribeiro.

Entrando para as lides políticas, ardoroso e combativo destacou-se na Câmara Municipal onde foi vereador por várias legislaturas, como defensor das causas públicas.

Durante o período revolucionário de 1924 assumiu o governo da cidade dirigindo-a com acerto e dedicação tornando-se alvo da confiança de todos os municípios. Com a vitória da legalidade exilou-se para o Velho Mundo, permanecendo em Portugal durante algum tempo. Ao retornar, recebeu consagrada recepção por parte de seus conterrâneos.

Entre as suas grandes iniciativas em prol do bem popular destaca-se o Hospital das Crianças Pobres instalado em prédio próprio, construído no bairro da Ponte Preta. Fundou também o Ateneu Paulista um dos grandes estabelecimentos de ensino desta cidade que durante muitos anos funcionou no grande sobrado que pertenceu ao Barão de Ibitinga, situado na rua dr. Quirino esquina de 14 de dezembro.

A 4 de setembro de 1927, publicava-se a primeira edição do CORREIO POPULAR, folha diária que fundou e dirigiu por dois anos, fazendo de suas colunas a tribuna de defesa dos interesses coletivos.

Seus funerais foram imponentes um dos maiores aqui presenciados, tendo o comércio cerrado suas portas, verdadeira consagração ao saudoso líder popular.

Perpetuando em bronze e granito a memória daquele que muito fizera pela sua terra natal, a 4 de setembro de 1952, na praça do Pará inaugurava-se uma herma ao ilustre cidadão, trabalho do artista conterrâneo Wilmo Rosada.



ALVARO RIBEIRO

Alaor Malta GUIMARAES

Dentre os Campineiros Ilustres, merecedores da gratidão e admiração popular, foi, Alvaro Ribeiro, sem duvida, o que maiores provas de solidariedade recebeu do povo de sua terra.

Tantos, foram os seus atos de benemerencia, que merecia justamente o titulo de Pai de Campinas.

Foi, em outras palavras, um lider popular.

Nascido em Campinas, a 17 de fevereiro de 1876, afora os 3 anos em que esteve exilado, em Portugal, toda a sua existencia foi devotada à Princesa D'Oeste, aqui falecendo a 13 de agosto de 1929, constituindo o seu enterro verdadeira apoteose, em face do numero de acompanhantes, o que demonstra o bem que os Campineiros a ele devotavam. Foram seus pais: Antonio Joaquim Ribeiro e dona Maria Augusta Diniz Ribeiro, ambos de origem portuguesa.

Como jornalista, fundou o "Diario do Povo" e "Correio Popular", sendo este o primeiro jornal linotipo do interior do Brasil.

Como político, foi vereador por 7 trienios seguidos, ou 21 anos ininterruptos de vereança, sendo curioso notar-se que, sempre pela opposição.

Quando exilado, à sua revolta, fizeram-no vereador. Em 1924, durante a Revolução de São Paulo, foi governador da Cidade, com Jurisdicção por todo o Interior. Recebeu em Campinas mais de 100 mil refugiados e providenciou para que nada faltasse à população, o que conseguiu. Terminada a Revolução foi exilado para Portugal, por 3 anos, e retornando ao Brasil com a eleição do sr. dr. Washington Luiz à Presidencia da Republica, em 1927, de quem Alvaro Ribeiro era grande amigo.

Como educador, fundou os Colegios Cesario Mota e Ateneu Paulista, sendo surpreendido pela morte, em seu gabinete de trabalho, neste estabelecimento.

No setor da infancia, deu ele à cidade de Campinas, um hospital destinado a abrigar crianças pobres, hospital esse que ostenta o seu nome, sendo um dos primeiros hospitais desse tipo no Brasil.

Em 1922, por ocasião da Exposição do Centenario, no Rio de Janeiro, graças a ele, Campinas foi a unica cidade do Interior que se fez representar, com um magnifico Pavilhão a Avenida das Nações.

Como escritor, temos a sua obra literaria denominada: "A Falsa Democracia".

Campinas vem de render-lhe significativa homenagem, com a inauguração de sua herna na Praça do Pará, monumento este, que provem da iniciativa conjunta.

Coube a sua confecção, ao escultor Vilmo Rosada, tendo sido inaugurado a 4 de setembro de 1952.



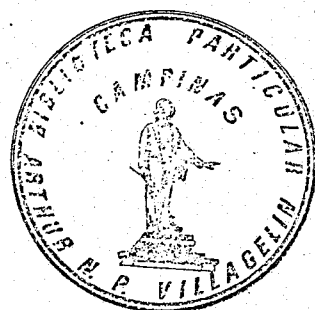
GERALDO SESSO JUNIOR

165

Músico", para desgosto deste, era também conhecida como a "Banda de Baixo", em vista da séria concorrência que lhe fazia a então "Banda Romana", dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a "Banda de Cima". Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas "Banda da Santa Cruz" e a "Euterpe Infantil", que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a "Banda Mato Dentro", dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de "Juca Músico" e a "Banda Fazenda S. Maria", compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Vilela. Com a morte de "Maneco Músico" ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1868, Sant'Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a "Banda Carlos Gomes", em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada "União Operária", sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de indole artística resolvem os italianos arregimentar os "paisanos" interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a "Banda Italo-Brasileira" que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Música", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tônico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), formavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Música", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorífênicas". "Juca Música", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorífênica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Música". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorífênica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rãbula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico" e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca



A S B A N D A S D E C Á

XIII

Campinas, desde a metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse